

REGIME DE TENSÃO

Os conservadores desafiam o Ocidente e a insatisfação popular. POR ALESSANDRA MELEIRO, DE TEERÃ

O PRESIDENTE REFORMISTA Mohammad Khatami busca o diálogo externo, afirmando que o Islã não contradiz a democracia, a igualdade e os demais conceitos ocidentais de direitos humanos. Foi eleito pela segunda vez, em 2000, com uma votação expressiva e os candidatos reformistas para o Parlamento obtiveram três quartos dos votos. Como o presidente, foram eleitos pelo voto popular e dominam o Parlamento, o gabinete do governo e o Ministério de Informação.

Mesmo assim, a elite teocrática, encabeçada pelo aiatolá Ali Khamenei, mantém as rédeas do poder no Irã e rejeita as propostas do Parlamento. Não foi eleita no sentido ocidental da palavra: sua "eleição" aconteceu na esfera religiosa e foi restrita a clérigos graduados. Mas seu poder é maior que o dos políticos escolhidos por meio das urnas. Através de um dispositivo constitucional, controlam o Judiciário, as Forças Armadas, a Guarda Revolucionária e a mídia impressa e eletrônica.

Para essa facção, os EUA continuam a usar de todos os meios para pressionar a República Islâmica e os países muçulmanos. Um deles teria sido outorgar o Prêmio Nobel da Paz para uma mulher iraniana – a advogada Shirin Ebadi, defensora dos direitos de mulheres, crianças, dissidentes políticos e do caso da fotógrafa iraniana-canadense Zahra Kazemi, morta em uma prisão no país depois de fotografar familiares dos estudantes presos nos protestos de julho de 2003.

O caso gerou um sério conflito diplomático entre o Irã e o Canadá e mostrou o apego rígido da Revolução Islâmica às diretrizes anunciadas pelo falecido aiatolá Khomeini em 1981: "Durante o regime ditatorial anterior, as greves e os protestos deixavam Deus contente. Mas agora, quando o governo é um governo muçulmano e nacional, o inimigo está empenhado em tramar contra nós. E,

portanto, a organização de greves e protestos é religiosamente proibida porque é contra os princípios do Islã".

Os descontentes não vêem diferença entre Khatami e Khamenei. Muitos gostariam de ver um novo grupo, menos restrito por limitações político-partidárias e menos resistente ao Ocidente. Há quem torça por uma intervenção norte-americana, como as realizadas nos vizinhos Iraque e Afeganistão. "Os clérigos nem sonham em deixar o poder. Só estamos aguardando o dia em que os EUA vão invadir também o Irã, é a nossa única chance", diz Pejman, designer de interiores que voltou ao Irã há poucos meses, depois de 15 anos no Canadá.

E continua: "Estamos realmente com um problema de geração de energia. Claro que necessitamos de novas fontes, mas todos os iranianos sabem os objetivos do governo ao falar de enriquecimento de urânio e processamento de plutônio. Não são novidades, para nós, os testes realizados nas montanhas Elbruz (norte do Irã, perto do Mar Cáspio)".

Não há consenso, porém, sobre a re-

jeição da proliferação de armamentos nucleares. Na semana passada, 30 estudantes religiosos protestaram em frente ao prédio do Ministério das Relações Exteriores contra as concessões às pressões internacionais. "Tecnologia nuclear é um direito. Nenhum compromisso. Morte à América", gritavam, lembrando o *slogan* dos primeiros momentos da revolução.

O governo cooperou com a Agência Internacional de Energia Atômica (IAEA) e assinou documentos que asseguram o monitoramento de seu programa nuclear, como o anunciado em Moscou em 10 de novembro. Retornando a Teerã, porém, o diretor do Conselho Supremo de Segurança Nacional, Hasan Rowhani, disse que a suspensão do programa de enriquecimento poderia ser revista, dependendo das necessidades do país.

Um diplomata estrangeiro no Irã comentou que é uma constante o governo mudar de conduta no meio do caminho, mesmo depois de assinar acordos. "O governo está acostumado a não comunicar critérios e as decisões tomadas são sempre passíveis de ser revistas", disse.

O conflito entre os reformistas e os conservadores do governo tem custado muito ao Irã em termos econômicos, políticos, sociais e culturais. Nas artes, as restrições não são poucas: cantoras só podem apresentar-se para platéias femininas (a não



SEGREGAÇÃO. Também nos ônibus, homens e mulheres não ocupam os mesmos espaços

ser que dividam o palco com homens e sejam a segunda voz), e apenas os homens podem cantar para um público misto, o que inviabiliza a apresentação de óperas.

Sinal de ar fresco na cena cultural do Irã, o primeiro European Music Festival, organizado por embaixadas européias, em outubro, em Teerã, veio precedido por imagens dos aiatolás Khomeini e Khomeini no palco, pelo hino nacional e por vídeos governamentais.

“Um dos pontos importantes da nossa religião diz que temos de usar o *hejab* (vestimenta islâmica). Sou muçulmana, mas odeio ter de usá-lo”, diz a estudante Pourali, na platéia de um show do músico Farman Fathalian. O *hejab* é obrigatório para meninas com mais de 9 anos.

Os clérigos dizem estar de acordo com a igualdade entre homens e mulheres, liberalismo, direito humanos, liberdade de expressão e democracia, mas den-



TRADIÇÃO FORÇADA. O *hejab* é obrigatório para meninas com mais de 9 anos

www.cartacapital.com.br



OS AIATOLÁS AINDA DOMINAM O PALCO POLÍTICO DO IRÃ

pressar o que pensamos, principalmente depois das mortes e prisões que ocorreram nos protestos de julho na universidade (de Teerã). Sou estudante de Teatro, mas não tenho acesso a vídeos ou outros materiais sobre o que acontece na minha área, na Europa ou nos EUA. Temos de ficar restritos à cultura iraniana e à cultura do mundo árabe”, diz o jovem Shole.

Contradições se revelam também

entre comportamentos na vida pública e na vida privada. Tanto bebidas alcoólicas, proibidas pela lei islâmica (mais severamente agora no mês sagrado do Ramadã), quanto o ópio, cultivado no vizinho Afeganistão, são vendidos em alguns lugares bem conhecidos dos iranianos.

“A presença da polícia islâmica em festas e eventos à procura de bebidas alcoólicas é comum”, diz Giti, habituada com tais intervenções.

O lado perverso da proibição do consumo de bebidas alcoólicas no Irã é que nem todos os que querem podem comprá-las no mercado negro. Amir M., estudante na Universidade de Teerã, revela que uma alternativa barata é comprar álcool etílico 98°GL, vendido livremente em farmácias no Irã. “Tomamos com suco concentrado ou refrigerante.”

“Só é difícil comprar álcool etílico na cidade sagrada de Qom”, diz o engenheiro de som Hassan. “Na semana em que filmávamos lá, tive de mostrar a permissão de filmagem para convencer o farmacêutico de que iria utilizá-lo para limpar o meu equipamento.”

Khatami e outras pessoas do governo observaram que, sem ter direitos à liberdade e à inovação criativa dentro da sociedade, os jovens podem se desiludir com o Islã. Essa advertência foi duramente atacada por Khamenei em discurso transmitido por jornais e a tevê, em novembro: “Vocês não podem fazer esses discursos abertamente”. Receia, ficou claro, não ser possível ter um avanço da liberdade individual e, ao mesmo tempo, preservar os valores islâmicos.

“Os jovens estão descontentes, pois sabem que não têm força para enfrentar este regime islâmico, já que nem o presidente, um reformista, o consegue. Eles querem que aconteça outra revolução, mas não se sentem responsáveis por isso”, diz uma funcionária iraniana de uma representação estrangeira.

Há 25 anos os iranianos esperam por uma terceira força política. Talvez ela já exista no Irã e esteja ligada aos que vêm promovendo a discussão sobre os direitos das mulheres e das crianças e a necessidade de as leis serem revistas e as contradições eliminadas, como Shirin Ebadi. ■

tro dos limites islâmicos. Mas seus critérios não são claros para a população, em geral, e para os opositores políticos que têm sido mortos ou encarcerados na famosa prisão de Evin.

“Nem os mais velhos nem os mais jovens têm esperança de que algo vá mudar. É um sistema cristalizado”, diz a cabeleireira Giti. “A única esperança que tenho é conseguir um visto e me mudar com minha filha para o Canadá. Este é um país para homens, não para mulheres.”

“Não podemos ex-

pressar o que pensamos, principalmente depois das mortes e prisões que ocorreram nos protestos de julho na universidade (de Teerã). Sou estudante de Teatro, mas não tenho acesso a vídeos ou outros materiais sobre o que acontece na minha área, na Europa ou nos EUA. Temos de ficar restritos à cultura iraniana e à cultura do mundo árabe”, diz o jovem Shole.

Contradições se revelam também

entre comportamentos na vida pública e na vida privada. Tanto bebidas alcoólicas, proibidas pela lei islâmica (mais severamente agora no mês sagrado do Ramadã), quanto o ópio, cultivado no vizinho Afeganistão, são vendidos em alguns lugares bem conhecidos dos iranianos.

“A presença da polícia islâmica em festas e eventos à procura de bebidas alcoólicas é comum”, diz Giti, habituada com tais intervenções.

O lado perverso da proibição do consumo de bebidas alcoólicas no Irã é que nem todos os que querem podem comprá-las no mercado negro. Amir M., estudante na Universidade de Teerã, revela que uma alternativa barata é comprar álcool etílico 98°GL, vendido livremente em farmácias no Irã. “Tomamos com suco concentrado ou refrigerante.”

“Só é difícil comprar álcool etílico na cidade sagrada de Qom”, diz o engenheiro de som Hassan. “Na semana em que filmávamos lá, tive de mostrar a permissão de filmagem para convencer o farmacêutico de que iria utilizá-lo para limpar o meu equipamento.”

Khatami e outras pessoas do governo observaram que, sem ter direitos à liberdade e à inovação criativa dentro da sociedade, os jovens podem se desiludir com o Islã. Essa advertência foi duramente atacada por Khamenei em discurso transmitido por jornais e a tevê, em novembro: “Vocês não podem fazer esses discursos abertamente”. Receia, ficou claro, não ser possível ter um avanço da liberdade individual e, ao mesmo tempo, preservar os valores islâmicos.

“Os jovens estão descontentes, pois sabem que não têm força para enfrentar este regime islâmico, já que nem o presidente, um reformista, o consegue. Eles querem que aconteça outra revolução, mas não se sentem responsáveis por isso”, diz uma funcionária iraniana de uma representação estrangeira.

Há 25 anos os iranianos esperam por uma terceira força política. Talvez ela já exista no Irã e esteja ligada aos que vêm promovendo a discussão sobre os direitos das mulheres e das crianças e a necessidade de as leis serem revistas e as contradições eliminadas, como Shirin Ebadi. ■

entre comportamentos na vida pública e na vida privada. Tanto bebidas alcoólicas, proibidas pela lei islâmica (mais severamente agora no mês sagrado do Ramadã), quanto o ópio, cultivado no vizinho Afeganistão, são vendidos em alguns lugares bem conhecidos dos iranianos.

“A presença da polícia islâmica em festas e eventos à procura de bebidas alcoólicas é comum”, diz Giti, habituada com tais intervenções.

O lado perverso da proibição do consumo de bebidas alcoólicas no Irã é que nem todos os que querem podem comprá-las no mercado negro. Amir M., estudante na Universidade de Teerã, revela que uma alternativa barata é comprar álcool etílico 98°GL, vendido livremente em farmácias no Irã. “Tomamos com suco concentrado ou refrigerante.”

“Só é difícil comprar álcool etílico na cidade sagrada de Qom”, diz o engenheiro de som Hassan. “Na semana em que filmávamos lá, tive de mostrar a permissão de filmagem para convencer o farmacêutico de que iria utilizá-lo para limpar o meu equipamento.”

Khatami e outras pessoas do governo observaram que, sem ter direitos à liberdade e à inovação criativa dentro da sociedade, os jovens podem se desiludir com o Islã. Essa advertência foi duramente atacada por Khamenei em discurso transmitido por jornais e a tevê, em novembro: “Vocês não podem fazer esses discursos abertamente”. Receia, ficou claro, não ser possível ter um avanço da liberdade individual e, ao mesmo tempo, preservar os valores islâmicos.

“Os jovens estão descontentes, pois sabem que não têm força para enfrentar este regime islâmico, já que nem o presidente, um reformista, o consegue. Eles querem que aconteça outra revolução, mas não se sentem responsáveis por isso”, diz uma funcionária iraniana de uma representação estrangeira.

Há 25 anos os iranianos esperam por uma terceira força política. Talvez ela já exista no Irã e esteja ligada aos que vêm promovendo a discussão sobre os direitos das mulheres e das crianças e a necessidade de as leis serem revistas e as contradições eliminadas, como Shirin Ebadi. ■

Há 25 anos os iranianos esperam por uma terceira força política. Talvez ela já exista no Irã e esteja ligada aos que vêm promovendo a discussão sobre os direitos das mulheres e das crianças e a necessidade de as leis serem revistas e as contradições eliminadas, como Shirin Ebadi. ■